

## A LITURGIA PENTECOSTAL EM REDE: DESAFIOS SACRAMENTAIS E PRESENÇA DO ESPÍRITO EM TEMPOS DE MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA

Brayan de Souza Lages<sup>69</sup>

### RESUMO

O artigo analisa a liturgia pentecostal em ambientes digitais, enfocando os desafios sacramentais e a presença do Espírito em tempos de mediação tecnológica. A partir de uma perspectiva teológico-pentecostal, discute-se a natureza comunitária e corporal do culto, os impactos da virtualização sobre os ritos e a adaptação das práticas litúrgicas à cultura digital. A pregação, o louvor, a ceia do Senhor, a oração, a unção e a imposição de mãos são reinterpretados como mediações possíveis da graça, ainda que marcadas por ambiguidades. A liturgia digital é compreendida como espaço de missão, testemunho profético e interatividade carismática, desafiando a Igreja a habitar as redes com discernimento espiritual e fidelidade bíblica.

**Palavras-chave:** pentecostalismo; mediação; sacramentalidade; culto online; presença do Espírito.

### ABSTRACT

This article analyzes Pentecostal liturgy in digital environments, focusing on sacramental challenges and the presence of the Holy Spirit amid technological mediation. From a Pentecostal theological perspective, it explores the communal and embodied nature of worship, the impacts of virtualization on liturgical practices, and the adaptation of worship elements to the digital culture. Preaching, praise, the Lord's Supper, prayer, anointing, and the laying on of hands are reinterpreted as possible mediations of grace, though marked by certain ambiguities. Digital liturgy is understood as a space for mission, prophetic

---

<sup>69</sup> Doutor em Teologia PUC-RIO, Mestre em Ciências da Religião FUV-ES, Graduado em Teologia FAECAD, Graduado em Administração UNIGRANRIO. Professor e Coordenador administrativo da FAECAD. E-mail: brayanlages@gmail.com

witness, and charismatic interactivity, challenging the Church to inhabit social networks with spiritual discernment and biblical fidelity.

**Keywords:** digital liturgy; Pentecostalism; sacramentality; online worship; mission; presence of the Spirit.

## INTRODUÇÃO

A liturgia, enquanto expressão comunitária da fé, nunca foi estática. Em cada época, ela se renova em diálogo com os contextos culturais, sociotécnicos e espirituais nos quais a Igreja se encontra inserida. No interior da tradição pentecostal, esse dinamismo litúrgico manifesta-se por meio de práticas marcadas pela espontaneidade, pela corporeidade e, sobretudo, pela expectativa da presença ativa do Espírito Santo. Contudo, com a intensificação das tecnologias de comunicação e a virtualização da vida eclesial, especialmente catalisada pela pandemia da COVID-19, as formas tradicionais de culto foram profundamente desafiadas, dando origem a uma nova ambiência: a liturgia em rede.

Nesse cenário emergente, a experiência do culto pentecostal sofre um deslocamento crucial: o espaço-templo cede lugar ao espaço-tela, e a mediação técnica torna-se parte integrante do encontro comunitário. Essa transposição não é neutra. Ela interpela categorias fundamentais da liturgia pentecostal, como a sacramentalidade dos atos, a corporeidade do louvor, a interatividade carismática, a autoridade espiritual e a presença real do Espírito. Por isso, este artigo propõe-se a refletir criticamente sobre os desafios e possibilidades da liturgia pentecostal em tempos de mediação digital, visando oferecer critérios teológicos robustos para sua compreensão e prática.

A pesquisa se desenvolve a partir de três eixos interligados. Primeiramente, examina-se a natureza da liturgia pentecostal em sua forma tradicional, destacando sua espiritualidade comunitária e afetiva. Em seguida,

analisa-se o processo de transposição litúrgica para ambientes digitais, com especial atenção às reconfigurações de linguagem, rito e sacramentalidade. Por fim, propõe-se critérios teológicos para uma liturgia digital pentecostal coerente com sua identidade bíblica, pneumatológica e missional, compreendendo-a como testemunho profético e ato público de resistência espiritual nas redes.

Diante da crescente presença da Igreja nas plataformas digitais e da consolidação de novas formas de culto mediado, urge que o pentecostalismo formule uma teologia litúrgica à altura dos desafios contemporâneos, uma teologia que reconheça o agir do Espírito também nos fluxos de dados, nos *pixels* e nas conexões, sem abrir mão da reverência, da comunhão e da esperança escatológica. O presente artigo se inscreve neste horizonte, oferecendo uma contribuição ao debate litúrgico contemporâneo a partir do *locus* pentecostal latino-americano.

## 1. A NATUREZA LITÚRGICA DA TRADIÇÃO PENTECOSTAL

### 1.1. Liturgia espontânea e espiritualidade comunitária

A compreensão pentecostal da liturgia, ainda que marcada por fluidez estrutural e improvisação carismática, repousa sobre um fundamento teológico sólido: o culto é, antes de tudo, encontro com Deus vivo, presente e operante. Essa premissa, longe de constituir apenas um princípio devocional, configura-se como eixo hermenêutico que organiza a práxis litúrgica pentecostal em sua dimensão comunitária e espiritual. O culto não é visto como um momento de mera representação simbólica ou repetição ritualística, mas como espaço-tempo de manifestação real da presença divina, “é uma terra sedenta clamando por chuva”<sup>70</sup>, onde o céu toca a terra, e a comunidade se reconhece como povo em adoração diante do trono da graça.

---

<sup>70</sup> KESSLER, Nemuel. *O culto e suas formas*. Rio de Janeiro: CPAD. 2017, p. 16.

A tradição pentecostal, ao contrário de outras matrizes eclesiológicas que herdam liturgias codificadas e sacramentais fixas, cultiva uma teologia implícita da presença. Essa presença não é apenas metafórica ou memorial: ela é esperada, evocada e experimentada em sua concretude. O culto, nesse sentido, é evento no “tempo cultural”.<sup>71</sup> Ele não remete apenas ao passado (memória da cruz), nem apenas ao futuro (esperança escatológica), mas ao presente dinâmico do Espírito. Nele, a assembleia reunida se torna morada transitória da glória de Deus — “porque onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles” (Mt 18.20).

Essa concepção de culto como encontro transforma toda a estrutura litúrgica em gesto de expectativa. A oração inicial, os cânticos, os testemunhos, a pregação e até mesmo os silêncios são lidos não como formalidades, mas como vias de mediação da presença divina. O culto pentecostal, ainda que não use linguagem sacramental formalizada, opera sob lógica sacramental: aquilo que se realiza no visível aponta para um agir invisível do Espírito. A imposição de mãos, o falar em línguas, os cânticos espontâneos, as palavras proféticas, a entrega de testemunhos, todos esses elementos são modos de contato com o sagrado que se manifesta.

O culto pentecostal é também um lugar de encontro com Deus comunitário. Ainda que valorize a experiência pessoal e íntima com o Espírito, a tradição pentecostal reconhece a assembleia como sujeito coletivo da adoração. Ninguém cultua sozinho, mesmo que sozinho esteja. A linguagem litúrgica, fruto de uma “leitura performática da bíblia”<sup>72</sup>, é sempre inclusiva: “nós sentimos”, “nós recebemos”, “nós glorificamos”. Trata-se de uma espiritualidade relacional,

---

<sup>71</sup> CAMPOS, Bernardo. *O princípio da pentecostalidade: hermenêutica, história e teologia*. São Paulo Recriar, 2018, p. 118.

<sup>72</sup> OLIVEIRA, David M.; TERRA, Kenner R. C. *Experiência e hermenêutica pentecostal: reflexões e propostas para a construção de uma identidade teológica*. Rio de Janeiro: CPAD. 2018, p. 102.

que reforça os vínculos comunitários à medida que convoca os fiéis ao mesmo altar. Neste sentido, a liturgia pentecostal não separa mística e eclesiologia: o encontro com Deus se dá com os outros, pelos outros e entre os outros.

A dimensão pneumatológica do culto torna-se central nesse processo. É o Espírito quem conduz o encontro, quem distribui os dons, quem interpreta a Palavra, quem inspira os louvores e quem unge o pregador.<sup>73</sup> Por isso, o culto pentecostal não segue uma coreografia pré-fixada, mas se submete à condução do Espírito. O culto é esperado como imprevisível: ali pode haver choro ou júbilo, silêncio ou clamor, cura ou arrependimento, línguas ou interpretação. O Espírito é o liturgo invisível, e os oficiantes humanos são seus cooperadores atentos e obedientes.

A experiência do culto como encontro com Deus também estabelece uma teologia do cotidiano. Ao contrário de espiritualidades litúrgicas que dissociam radicalmente o espaço do culto do restante da vida, o pentecostalismo tende a interpretar o culto como extensão da vida, e a vida como culto contínuo. Isso se manifesta na linguagem dos crentes, na forma como se referem às experiências do dia a dia (“foi culto lá em casa”, “senti Deus no ônibus”, “o culto foi bênção no hospital”). A consciência da presença de Deus permeia o todo da existência, mas se intensifica na assembleia reunida. O culto, então, é cume e impulso: ponto alto da semana e impulso para a vida.

Contudo, ao enfatizar o culto como encontro, a tradição pentecostal também carrega uma tensão: como preservar a reverência e a profundidade diante da espontaneidade e do improvisado? Como evitar que o culto se torne mero show ou repetição emocional, quando perde a consciência do encontro com o Sagrado? Essa tensão, longe de ser patológica, é pedagógica. Ela exige constante discernimento, discipulado e formação litúrgica. O culto como encontro precisa

---

<sup>73</sup> GILBERTO, Antonio. *Pneumatologia: a doutrina do Espírito Santo*. In: Gilberto, Antonio et. al. *Teologia sistemática pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD. 2008, p. 184.

ser ensinado, cultivado e vivido com temor e tremor, pois não se trata de entreter fiéis, mas de comparecer diante do Deus vivo. Podemos afirmar que o culto pentecostal, entendido como encontro com Deus, não é mera performance comunitária, mas celebração da presença. Ele é o lugar onde a Palavra é proclamada com poder, onde o Espírito se manifesta com liberdade, e onde a comunidade se reconhece como povo sacerdotal. Em tempos de midiaticização, manter essa consciência é vital: pois o risco de transformar o culto em espetáculo é real. Porém, onde houver fome por Deus, sede do Espírito e reverência ao santo nome de Jesus, ali o culto será sempre encontro, mesmo em meio às mediações da tela.

Uma das marcas mais distintivas da liturgia pentecostal é sua relação dinâmica com a liberdade do Espírito Santo, o que se traduz, no plano prático e simbólico, em ritos não fixos e estruturas litúrgicas fluidas. Essa característica, longe de representar uma ausência de ordem ou um descaso com a tradição eclesial, expressa, antes, uma teologia implícita de abertura ao inesperado divino, na qual a soberania do Espírito orienta e redimensiona a ordem do culto em favor da edificação, da manifestação e do testemunho da presença de Deus. Nesse sentido, “a adoração coletiva é planejada por Deus para instruir e conduzir uma vida de adoração”.<sup>74</sup>

A ênfase na liberdade do Espírito nasce de uma leitura hermenêutica das Escrituras que reconhece na ação pneumatológica a força motriz da vida da Igreja.<sup>75</sup> Desde Atos 2 até os escritos paulinos, o Espírito aparece não como uma presença ornamental, mas como sujeito ativo do culto e da missão. A comunidade pentecostal, herdeira dessa tradição de avivamento, entende que o culto

---

<sup>74</sup> HUGHES, R. Kent. *Culto na igreja livre: o desafio da liberdade*. In: CARSON, D. A.; KELLER, Timothy. (Ed). Louvor: análise teológica e prática. São Paulo: Thomas Nelson Brasil. 2017, p. 142.

<sup>75</sup> CAMPOS, Bernardo. *Hermenêutica do Espírito: uma proposta para hermenêutica pentecostal*. São Paulo: Recriar. 2018, p. 31.

verdadeiro não pode ser rigidamente controlado por agendas humanas, sob pena de se tornar previsível, estereótipo e formalista. Assim, a liturgia pentecostal é projetada não como sequência inflexível de atos, mas como espaço de escuta e resposta, onde a ordem do culto pode ser alterada conforme a condução percebida do Espírito.

Os ritos não fixos da tradição pentecostal não significam ausência de estrutura, mas sim estrutura permeável, flexível ao mover divino.<sup>76</sup> Existe, em geral, uma sequência mínima e reconhecida, como oração inicial, louvores, leitura bíblica, pregação e apelo. Mas, essa ordem pode ser interrompida, expandida ou reconfigurada sem escândalo teológico, quando se discerne a ação do Espírito. Esse modelo litúrgico pressupõe uma espiritualidade atenta, sensível e responsiva. Líderes de culto, ministros de louvor e pregadores não apenas executam um programa; eles se colocam como mediadores atentos da voz do Espírito, dispostos a interromper, esperar, mudar o rumo do culto quando percebem que “o Espírito tem algo mais”.

Esse dinamismo é sustentado por uma cosmovisão pneumatocêntrica que concebe Deus como presente, ativo e comunicador. “Pregar não é produto de algumas poucas horas de estudo por semana; é o fluxo de uma vida inteira de relacionamento com Cristo”.<sup>77</sup> A liberdade do Espírito é, portanto, compreendida não como desordem, mas como soberania divina sobre o tempo litúrgico. Não há liturgia fixa porque não há controle total sobre a revelação. O culto é, assim, um ensaio da liberdade escatológica, um vislumbre da cidade futura onde o Cordeiro

---

<sup>76</sup> JÚNIOR, Paulo Jonas dos Santos; FÓFANO, Clodoaldo Sanches. Culto pentecostal brasileiro: reflexões sobre estrutura litúrgica. *Tear Online*, v. 7, n. 1, p. 48-57, 2018, p. 55.

<sup>77</sup> LEDNICKY, H. Maurice. *Antes de subir ao púlpito: a preparação do sermão*. In: CARLSON, Raymond et al. *Pastor pentecostal: teologia e práticas pastorais*. Rio de Janeiro: CAPD, 2005, p. 595.

é a luz e a adoração é plena (Ap 21.23). Recusar os ritos engessados é, nesse contexto, uma afirmação da primazia da revelação sobre a tradição humana.

É importante ressaltar que essa liberdade, no entanto, não se confunde com improvisação desinformada ou desorganização banal. O culto pentecostal, embora livre, é conduzido por líderes preparados, profundamente comprometidos com a Palavra e com a oração. A sensibilidade litúrgica é cultivada, não improvisada. O risco da arbitrariedade e da centralização emocional existe, e por isso mesmo é necessário um processo formativo que integre discernimento espiritual e maturidade pastoral, pois “o gabinete de estudos é um lugar de disciplina”.<sup>78</sup> O Espírito é livre, sim, mas Ele não contradiz a Escritura, não exalta o ego humano e não fragmenta o corpo. Sua liberdade é sempre vinculada ao amor, à verdade e à edificação.

Essa liturgia aberta também promove um tipo específico de escuta comunitária. A congregação não é passiva; ela participa do culto com expectativa, intervém com améns, glórias e línguas, sente quando “Deus está no ambiente”, e contribui ativamente com louvores, orações e testemunhos. A liturgia pentecostal é, por isso, altamente participativa e afetiva, o culto é vivido como um evento coletivo, imprevisível e vivificante. Nesse modelo, cada culto é único, irrepetível e, em certo sentido, irreproduzível.

No entanto, essa liberdade enfrenta novos desafios no contexto da midiaticização da liturgia. O ambiente digital, com sua demanda por previsibilidade, tempo controlado, estética padronizada e fluxo contínuo, tende a restringir a liberdade do Espírito em nome da eficiência da transmissão. Muitas igrejas, ao transmitirem cultos, sentem-se pressionadas a adaptar suas práticas à lógica da edição, do tempo comercial, da performance agradável ao espectador. Nesse processo, o risco é produzir uma liturgia padronizada, domesticada, que

---

<sup>78</sup> WILSON, Bill. *O gabinete de estudos do pastor*. In: CARLSON, Raymond et al. *Pastor pentecostal: teologia e práticas pastorais*. Rio de Janeiro: CAPD, 2005, p. 76.

perde o frescor profético da imprevisibilidade do Espírito. Manter os ritos não fixos no ambiente digital exige resistência e criatividade espiritual.

Concluimos que a liberdade do Espírito, tão cara à identidade pentecostal, deve ser preservada e cultivada, mesmo diante dos desafios contemporâneos. A fluidez litúrgica não é desorganização, mas abertura ao sagrado. Os ritos não fixos não significam ausência de reverência, mas disposição para seguir a nuvem, mesmo que o cronograma indique outro rumo. Onde o Espírito é Senhor, ali há liberdade (2Co 3.17). E onde há liberdade, há vida, há Palavra, há culto verdadeiro, seja no templo, seja na casa, seja na rede. A liturgia pentecostal é, assim, uma celebração da imprevisibilidade divina, um espaço onde o tempo se curva diante do *kairos*, e o povo se rende à direção daquele que sopra onde quer.

## **1.2. A dimensão corporal e afetiva da adoração pentecostal**

A tradição litúrgica pentecostal, em sua tessitura espiritual, afetiva e corporal, encontra no entrelaçamento entre cânticos, oração e manifestação dos dons espirituais um núcleo vital de sua identidade celebrativa. Esses três elementos não operam isoladamente, mas se articulam como expressões de uma espiritualidade que compreende o culto como lugar de encontro com Deus, de edificação da comunidade e de manifestação sensível da presença do Espírito. Cada um desses elementos, em sua especificidade, carrega consigo uma teologia implícita que ilumina a compreensão do culto como experiência integral, não apenas racional ou contemplativa, mas também afetiva, corporal e carismática, “porque a imprevisibilidade do Espírito permite”.<sup>79</sup>

No que tange aos cânticos, a música no culto pentecostal vai além da função introdutória ou estética. Ela é meio de mediação da presença de Deus,

---

<sup>79</sup> RIVERA, Paulo Barrera. Festa, corpo e culto no pentecostalismo: notas para uma antropologia do corpo no protestantismo latino-americano. *Numen*, v. 8, n. 2, p. 11-38, 2005, p. 33.

instrumento de guerra espiritual, expressão de júbilo, lamento ou esperança. Os cânticos pentecostais não obedecem necessariamente à lógica do hinário fixo, ainda que os hinários clássicos sejam valorizados em muitos contextos.<sup>80</sup> A espontaneidade, a repetição emotiva, a liberdade melódica e a abertura à improvisação carismática são marcas que configuram uma musicalidade que visa provocar não apenas a reflexão, mas a experiência de Deus. A música não prepara para o culto: ela é culto. Quando cantada em uníssono pela comunidade, ela se torna um clamor coletivo, uma súplica, uma oferta de vozes diante do trono.

Esse fenômeno se intensifica quando os cânticos são acompanhados de orações congregacionais, proferidas em alta voz, muitas vezes simultâneas, e marcadas por forte carga afetiva.<sup>81</sup> A oração pentecostal não é apenas verbalização de pedidos: é ato de entrega, batalha espiritual, intercessão e adoração, pois a “fé é gerada pela Palavra e pelo Espírito, e não pela observação”.<sup>82</sup> Sua intensidade sonora e gestualidade corporal expressam a convicção de que Deus ouve, responde e intervém. A oração é vivida como ato performativo: ela provoca o mover espiritual, convoca a ação do Espírito, inaugura milagres. Nesse contexto, as palavras tornam-se secundárias diante da carga afetiva e da expectativa espiritual que envolvem o momento.

Mas é na manifestação dos dons espirituais que a liturgia pentecostal revela sua singularidade mais intensa. Os dons, especialmente profecia, línguas, interpretação, palavra de sabedoria e cura não são compreendidos como exceção, mas como dinâmica esperada do culto, expressão do Deus que fala, age e revela. O dom espiritual, longe de ser um evento isolado, é integrado ao culto como sua

---

<sup>80</sup> KESSLER, 2017, p. 22.

<sup>81</sup> TESMER, Rodrigo Moulian. De la reflexividad social a las mediaciones rituales: mutaciones, convergencias y paradojas en el lepün y el culto pentecostal. *Revista Austral de Ciencias Sociales*, n. 8, p. 29-50, 2004, p. 34.

<sup>82</sup> ANDERSON, Gordon L. *Sinais e maravilhas*. In: CARLSON, Raymond et al. Pastor pentecostal: teologia e práticas pastorais. Rio de Janeiro: CAPD, 2005, p. 330.

culminância ou inflexão: ele pode interromper o cântico, redirecionar a oração, reformular a pregação. A liturgia, neste contexto, é radicalmente aberta ao sobrenatural. Não há garantias nem previsibilidades, pois o Espírito é livre. Cada culto é vivido com a expectativa de que algo novo pode acontecer, e de que esse novo será, inevitavelmente, fruto da ação do Espírito.

Esse conjunto de cântico, oração e dons configura um modelo de adoração afetiva, participativa e carismática, que integra corpo, emoção e linguagem pneumatológica. A comunidade não assiste ao culto, mas o vive. O louvor não é performance; é expressão do coração contrito e do espírito fervoroso. A oração não é formalidade, mas grito, choro, clamor, confissão. E os dons não são espetáculo, mas serviço, edificação, confronto e consolo. Nesse cenário, o culto pentecostal é um campo de forças espirituais, onde o humano e o divino se encontram, e onde a comunidade é moldada pela Palavra e pela Presença.

Esse modelo litúrgico, porém, enfrenta tensões no ambiente digital. A midiática da liturgia, muitas vezes centrada na organização do tempo, na estética da transmissão e na previsibilidade da estrutura, pode engessar a manifestação livre desses elementos. A oração simultânea perde sua força afetiva quando fragmentada em comentários no chat; os cânticos são formatados para vídeos curtos; os dons espirituais encontram dificuldades em “ambientes mediados tecnologicamente”<sup>83</sup>, onde o discernimento coletivo e a resposta comunitária são limitados. O desafio, portanto, é traduzir essa liturgia afetivo-carismática para os formatos digitais, sem perder sua essência, espontaneidade e centralidade no Espírito.

Concluimos que cânticos, oração e dons não são apenas partes do culto pentecostal: são linguagens do Espírito no meio do povo. São formas pelas quais a comunidade expressa sua fé, sua esperança e sua dependência da ação divina. Preservar essas expressões em tempos de mediação é tarefa teológica e pastoral de

---

<sup>83</sup> LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2010, p. 74

grande importância. Pois onde há cântico sincero, oração fervorosa e dons operantes, ali há sinais do Reino, mesmo quando vividos diante de uma tela.

A tradição pentecostal, em sua vivência litúrgica, afirma de maneira incisiva uma espiritualidade encarnada: nela, o corpo não é mero instrumento periférico ou suporte da alma, mas sujeito ativo na adoração, mediação concreta da graça e expressão visível da presença do Espírito. Essa corporeidade da fé, longe de ser um detalhe folclórico ou uma simples manifestação cultural, constitui uma teologia implícita do corpo, segundo a qual Deus se manifesta na e por meio da fisicalidade da comunidade reunida. Em uma tradição marcada pela oralidade, pelo clamor, pelo movimento e pela resposta afetiva, o corpo adora, clama, dança, chora, ajoelha-se, impõe mãos, estende os braços e se torna canal visível do invisível.

A antropologia pentecostal, mesmo que nem sempre explicitada em termos sistemáticos, carrega a convicção de que o ser humano é integral: “corpo, alma e espírito não se separam em esferas estanques, mas convivem numa unidade dinâmica”.<sup>84</sup> Dessa maneira, o culto pentecostal não reduz a adoração à interioridade silenciosa, mas a expressa na linguagem do corpo, que se torna sacramento vivente da experiência espiritual. Nesse contexto, o gesto litúrgico, seja ele o levantar de mãos, o caminhar pelo templo em oração, o toque fraterno, o choro incontido ou o gesto de rendição, não é teatralização, mas encarnação da fé.

Essa corporeidade é ainda mais significativa quando associada ao conceito pentecostal de presença do Espírito Santo. Ao contrário de modelos litúrgicos mais simbólicos ou retóricos, o pentecostalismo espera que o Espírito se manifeste com sinais tangíveis, perceptíveis ao corpo. Assim, o culto torna-se um campo de sensações espirituais: “senti o Espírito”, “fui tocado por Deus”, “o fogo

---

<sup>84</sup> COELHO, Renato Arnellas. Para uma correta compreensão do homem, composto de corpo, alma e espírito. *Revista Eletrônica Espaço Teológico.*, v. 10, n. 17, p. 84-93, 2016, p. 90.

desceu” — expressões comuns que revelam como o corpo é parte integrante da experiência espiritual. A graça, nesse sentido, não é apenas crida: ela é sentida, atravessa o corpo, transforma o gesto, impacta o afeto. “São incontáveis os milagres que acontecem entre os crentes em todas as igrejas espalhadas pelo país e pelo mundo inteiro”.<sup>85</sup> A liturgia pentecostal é, por isso, uma performance espiritual que une corpo e transcendência.

Importa também destacar o papel comunitário e pedagógico dessa corporeidade litúrgica. O corpo em movimento comunica fé à coletividade. Quando uma irmã ergue as mãos em louvor, ela testemunha ao seu redor. Quando um irmão chora ao ser visitado pelo Espírito, ele edifica os demais. O corpo, no culto, é sempre coletivo, mesmo nos gestos individuais. O povo pentecostal aprende a adorar observando, imitando, participando corporalmente do culto. Essa aprendizagem não é racional, mas experiencial. E por isso mesmo, é profundamente formadora. A corporeidade litúrgica constitui uma didática silenciosa, que ensina a crer pela adoração e a adorar crendo com o corpo.

Entretanto, essa dimensão corporal encontra novos limites no contexto da mídiatização do culto. As transmissões online, mesmo quando bem-produzidas, frequentemente dissociam o corpo da comunidade. O adorador, agora isolado diante de uma tela, perde o calor do ajuntamento, a força simbólica do gesto coletivo, a pedagogia da presença física. A tela, ao mesmo tempo que conecta, também reduz: o movimento é enquadrado, o som é filtrado, o afeto é domesticado. Surge, assim, o desafio de preservar a corporeidade da adoração em ambientes digitais, evitando que o culto se transforme em consumo estético ou experiência meramente mental.

---

<sup>85</sup> SOARES, Esequias. *O pentecostalismo brasileiro: um guia histórico e teológico para compreender o pentecostes no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2021, p. 99.

Ainda assim, é possível vislumbrar através do discernimento espiritual do crente caminhos criativos e sentidos aguçados.<sup>86</sup> Muitos fiéis, mesmo em cultos online, erguem suas mãos, choram, se ajoelham, impõem mãos sobre familiares, ou repetem gestos litúrgicos em suas casas. Isso revela que, mesmo na mediação tecnológica, o corpo continua sendo lugar de resposta ao Espírito. A corporeidade não é anulada; ela é ressignificada e revitalizada.<sup>87</sup> O desafio teológico, então, é reconhecer a importância do corpo como meio de graça, não apenas no templo físico, mas em cada lugar onde se invoca o nome do Senhor. A liturgia pentecostal, marcada por essa presença encarnada, não pode abdicar do corpo sem perder sua identidade.

Concluimos que a experiência do corpo no culto pentecostal não é acessório devocional, mas núcleo teológico e litúrgico da espiritualidade comunitária. O corpo é templo do Espírito, instrumento da graça, linguagem da adoração. Preservar essa dimensão é tarefa urgente, especialmente em tempos em que a virtualização da fé ameaça reduzir a adoração ao intelecto ou à imagem. O culto pentecostal seja presencial, híbrido ou digital, continuará sendo espaço de mediação da graça, sempre que o corpo, em obediência ao Espírito, responder com reverência, liberdade e entrega. Pois onde o corpo se dobra, a alma se eleva e Deus se manifesta.

## **2. A TRANSPOSIÇÃO LITÚRGICA PARA AMBIENTES DIGITAIS**

### **2.1. Cultos online e a questão da presença real**

---

<sup>86</sup> SOARES, Esequias. *Heresias e modismos*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 350.

<sup>87</sup> MARIA, Ruben Ferreira. *Evangelização ou mercantilização da fé: cotejamento entre sagrado, fé, ética e igreja na modernidade a partir dos estudos sobre a evangelização através do uso da mídia*. 2012. 87 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade EST, São Leopoldo, 2012, p. 55.

A emergência dos cultos online como forma litúrgica alternativa e, em certos momentos, principal no seio da tradição pentecostal, especialmente no contexto da pandemia da COVID-19, inaugurou um novo campo de experiências espirituais que desafia concepções estabelecidas sobre a presença do sagrado e a eficácia litúrgica. Dentro desse novo território, configura-se uma mística da adoração em tela, que precisa ser teologicamente discernida e pastoralmente acompanhada. Essa mística, embora mediada tecnologicamente, não deve ser a priori desqualificada como inferior ou simulada. Ao contrário, ela revela a capacidade adaptativa da espiritualidade pentecostal em encontrar formas de presença do Espírito em espaços não convencionais e reconfigura a sensibilidade litúrgica da comunidade crente diante do invisível que se revela no visível, mesmo que em pixels.<sup>88</sup>

A mística pentecostal é, por natureza, marcada por intensidade afetiva, abertura ao sobrenatural e convicção da ação direta de Deus na história. Quando essa espiritualidade é transposta para a tela, seja por meio de transmissões ao vivo, cultos gravados ou reuniões por plataformas digitais, o que está em jogo não é apenas a técnica, mas a experiência religiosa da presença. Muitos crentes relatam, com profunda sinceridade, terem sentido a presença de Deus de maneira vívida ao assistirem a um culto pelo celular ou ao acompanharem um momento de oração via redes sociais. O Espírito não está limitado ao templo físico e o povo pentecostal reconhece isso intuitivamente, sem necessidade de autorização teológica formal. Essa percepção é o ponto de partida para refletirmos sobre a mística da adoração em tela.

A tela, por sua vez, assume o papel de janela litúrgica. Ela não substitui o templo, mas cria um novo espaço de expectativa e de recepção da Palavra e da Presença. Nessa nova ambiência, a espiritualidade é ativada por gestos

---

<sup>88</sup> ADAM, Júlio César; REBLIN, Iuri Andréas; SALDANHA, Marcelo. Igreja em rede e liturgia online, é possível? *Estudos Teológicos*, v. 60, n. 2, p. 598-609, 2020, p. 608.

domésticos: colocar uma bíblia sobre a mesa, unir a família no sofá, ajoelhar-se diante da televisão. Esses pequenos ritos domésticos, muitas vezes espontâneos, tornam-se liturgias encarnadas na vida cotidiana, abrindo espaço para a adoração no lar e reconfigurando o espaço doméstico como extensão do sagrado. A casa torna-se tabernáculo; a tela, púlpito; o lar, comunidade.

Ao mesmo tempo, essa mística digital é construída a partir da memória afetiva do culto presencial. Os cânticos conhecidos, a voz do pastor, o ritmo do culto, os trechos das Escrituras recitados em tom familiar, tudo isso reconfigura, na mente e no coração do fiel, um ambiente simbólico de pertencimento. A tela não é apenas meio; ela é ponte de memória e fé, através da qual a comunidade, ainda que dispersa, sente-se reunida “em uma multiformidade de expressões da verdade cristã que o Espírito gera na igreja”.<sup>89</sup> A mística da adoração em tela, portanto, não substitui a comunhão presencial, mas a evoca, a prolonga, e a mantém viva nos tempos de dispersão.

É necessário, contudo, reconhecer que essa experiência mística exige condições espirituais e afetivas apropriadas. Não se trata de consumo automático de conteúdo religioso. O culto online só se torna culto quando há disposição interior, atenção orante e desejo de encontro com Deus. A mística da adoração não está garantida pela conexão digital, mas pela intencionalidade do coração crente. Nesse sentido, a espiritualidade pentecostal, com sua ênfase na busca e na entrega, encontra terreno fértil para cultivar uma liturgia em rede que seja, ao mesmo tempo, simples e profunda.

A atuação do Espírito, nesse contexto, não depende da geografia, mas da abertura espiritual. O Pentecostes, que foi público e coletivo, também se manifesta no quarto secreto, na sala silenciosa, na casa aflita. O mesmo Espírito

---

<sup>89</sup> PUNTEL, Joana Teresinha; SBARDELOTTO, Moisés. Da reforma histórica à “reforma digital”: desafios teológicos contemporâneos. *Estudos teológicos*, v. 57, n. 2, p. 350-364, 2017, p. 262.

que encheu o cenáculo pode encher a sala de estar e conduzir “ao Único que dá alívio, conforto, perdão e amor àqueles que abrem os corações para receber”.<sup>90</sup> A mística da adoração em tela, portanto, não é uma diluição da presença divina, mas uma nova configuração da sua acessibilidade, mediada pela tecnologia, mas sustentada pela fé. Quando o povo ora, canta, chora e se rende diante de uma tela com a mesma reverência com que o faria diante do altar, ali a mística se realiza, e o culto se consuma.

Nesse sentido, afirmamos que a mística da adoração em tela não deve ser interpretada como um subproduto da técnica, mas como resposta da graça à limitação humana. Ela representa uma pedagogia do Espírito para tempos de dispersão, uma liturgia do exílio, um modo de manter acesa a chama do culto em meio às restrições da presença física. Cabe à teologia pentecostal discernir, afirmar e aprofundar essa mística, não para substituir o culto presencial, mas para reconhecer que, quando o coração arde, mesmo diante de uma tela, o Senhor se faz presente, e isso é culto.

A presença dos cultos online na vida litúrgica das comunidades pentecostais contemporâneas suscitou uma série de transformações profundas na maneira como a fé é comunicada, experienciada e corporificada.<sup>91</sup> Ainda que reconheçamos a possibilidade de uma mística da adoração em tela marcada pela atuação do Espírito além dos limites espaciais, é imprescindível reconhecer que essa mediação digital não é teologicamente neutra. Pelo contrário, ela carrega em si ambiguidades estruturais que interpelam a própria natureza do culto cristão,

---

<sup>90</sup> PAUL, Ferrin. *O lugar da música na adoração congregacional*. In: CARLSON, Raymond et al. *Pastor pentecostal: teologia e práticas pastorais*. Rio de Janeiro: CAPD, 2005, p. 623.

<sup>91</sup> ARRUDA, Reinaldo Pereira; SILVA, Hilquias Benício. Igrejas online em fortaleza: uma resposta circunstancial na quarentena da pandemia da COVID-19. *Via Teológica*, v. 22, n. 43, 2021, p. 100.

especialmente quando este se ancora em pressupostos pneumatológicos e comunitários, como é o caso do pentecostalismo.

A primeira ambiguidade refere-se à própria condição mediada da experiência espiritual. A fé pentecostal, em sua forma mais genuína, é atravessada pela vivência do imediato: o Deus que age aqui e agora, o Espírito que se manifesta entre nós, os dons que se expressam no seio da assembleia. A mediação técnica como câmera, microfone, conexão e transmissão insere-se como um filtro entre a comunidade e a experiência, deslocando o eixo da corporeidade compartilhada para uma recepção individualizada e, em certa medida, desincorporada. Ainda que o Espírito não esteja restrito ao espaço físico, a mediação tecnológica altera sensivelmente a qualidade da presença: o corpo coletivo é fragmentado; o tempo ritual é cronometrado; a atenção se dispersa entre múltiplas abas, notificações e distrações do cotidiano doméstico.

A segunda ambiguidade diz respeito à performatividade comunicacional que o ambiente digital exige. A lógica das redes não prioriza necessariamente a profundidade, mas a estética, a clareza e a capacidade de retenção da atenção. O culto, nesse contexto, corre o risco de ser adaptado às exigências do espectador-consumidor e da “cultura de massa”<sup>92</sup>: encurtado, roteirizado, montado em blocos, com linguagem visual publicitária e ritmo veloz. Surge, então, uma tensão entre o culto como encontro com Deus e o culto como produção audiovisual. A linguagem da fé, quando capturada pela lógica da visibilidade e da viralização, pode perder sua densidade sacramental e sua força de interpelar. A mediação técnica, nesse caso, desloca o foco do Espírito para o “*view*”, do altar para o engajamento.

Outro aspecto ambíguo diz respeito à autoridade espiritual e ao discernimento comunitário. Os dons espirituais, especialmente aqueles que

---

<sup>92</sup> LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia de Bolso. 2017, p. 238.

exigem confirmação e resposta da assembleia como profecia, interpretação de línguas, palavra de sabedoria, tornam-se difíceis de administrar no ambiente online. A ausência de um corpo comunitário reunido impede que haja o reconhecimento coletivo do dom, o *feedback* imediato da assembleia e a moderação pastoral presencial. Isso pode gerar tantos abusos (pessoas que se proclamam profetas sem nenhum filtro comunitário), quanto silenciamentos (crentes que têm dons, mas não encontram espaço para exercê-los diante da tela). A mediação técnica, nesse ponto, desfigura a dimensão eclesial do carisma.

A mediação digital também impõe novas camadas de exclusão e desigualdade. Nem todos têm acesso à internet de qualidade, a dispositivos apropriados ou à privacidade necessária para cultivar com liberdade em casa. A mediação técnica, ainda que abra portas de alcance global, também cria um abismo de acessibilidade, que afeta especialmente idosos, pessoas com baixa escolaridade ou condições socioeconômicas precárias. A promessa de universalização da fé via tecnologia não pode ignorar os corpos que permanecem à margem do acesso digital. Aqui, a ambiguidade se torna desafio pastoral concreto: como incluir e acompanhar quem não está conectado?

Por fim, há uma ambiguidade mais sutil, porém teologicamente densa: a sensação de presença sem comunhão. O culto online, ainda que provoque emoção, não necessariamente gera vínculo. O fiel pode sentir-se tocado, mas não inserido. Pode experimentar lágrimas, mas não comunhão. O risco, portanto, é uma liturgia sem corpo eclesial: uma espiritualidade isolada, desprovida de discipulado, de prestação de contas, de caminhada compartilhada. A mediação técnica, se não for pensada e orientada por uma eclesiologia robusta, pode fomentar uma fé líquida, desconectada da vida comunitária, da missão e do compromisso.

Conclui-se que a mediação técnica da fé, embora útil e, em certos contextos, necessária, requer discernimento espiritual, reflexão teológica e planejamento pastoral. As ambiguidades que ela carrega não são argumentos para

seu abandono, mas alertas para seu uso consciente. A tradição pentecostal, por sua ênfase na liberdade do Espírito, pode acolher a inovação tecnológica sem sacrificar sua essência, mas isso exige que a técnica permaneça serva da presença, e não senhora da experiência. Que a tela jamais substitua a comunhão, e que a mediação não nos afaste da realidade do Deus que se fez carne e que deseja habitar entre nós, mesmo quando nos encontramos separados.

## 2.2. Novas linguagens litúrgicas e os limites da sacramentalidade digital

A celebração da Ceia do Senhor constitui, na tradição cristã e particularmente na vivência pentecostal, um momento de elevada densidade teológica, comunitária e espiritual. “Trata-se de um ato de memória”<sup>93</sup>, de comunhão e de antecipação escatológica, no qual a Igreja participa simbolicamente do corpo e do sangue de Cristo, recordando seu sacrifício e reafirmando a esperança de sua vinda. No entanto, com a virtualização das liturgias em tempos de pandemia e posterior consolidação das práticas online, surge uma questão teológica premente: é possível celebrar a Ceia do Senhor em conexão remota? E, em caso afirmativo, como garantir a integridade sacramental dessa celebração mediada tecnicamente?

A ceia, como sacramento ou ordenança, possui uma dimensão visível, comunitária e incorporada.<sup>94</sup> O pão e o vinho, distribuídos em meio à assembleia reunida, apontam para a corporeidade da fé e da comunhão. A tradição pentecostal, mesmo não adotando uma teologia sacramental no sentido clássico das igrejas históricas, reconhece no momento da ceia um alto grau de solenidade e sensibilidade espiritual, onde o Espírito Santo atua de modo especial na renovação da aliança com Cristo e na purificação dos corações. Esse momento é precedido

---

<sup>93</sup> KESSLER, 2017, p. 150.

<sup>94</sup> FISK, Bruce N. *Paulo: a vida e as epístolas*. In: MCKNIGHT, Scot; OSBORNE, Grant R. *Faces do Novo Testamento: um exame das pesquisas mais recentes*. Rio de Janeiro: CPAD. 2018, p. 330.

por autoexame, contrição, oração e unidade, elementos que pressupõem uma vivência comunitária não apenas simbólica, mas relacional.

Ao ser transposta para o ambiente digital, a celebração da Ceia adquire características inéditas e, por vezes, tensionadas. A distribuição dos elementos é feita à distância, muitas vezes com os participantes preparando previamente pão e suco em casa, seguindo a orientação de um pastor através de uma transmissão. A consagração é mediada pela palavra pronunciada na tela, e o ato de comer e beber ocorre simultaneamente, mas de forma dispersa. Essa dinâmica inaugura uma nova forma de participação sacramental: não presencial, mas sincrônica; não comunitária no espaço, mas unificada na intenção e no espírito.

Esse modelo, no entanto, levanta questões teológicas relevantes. A primeira diz respeito à realidade da comunhão: pode-se falar em verdadeira comunhão quando os participantes estão fisicamente separados? A resposta pentecostal, majoritariamente afirmativa, se ancora na compreensão de que a comunhão é produzida pelo Espírito, não pela contiguidade física. O mesmo Espírito que unia os crentes em Atos 2 continua unindo os irmãos em diferentes contextos e geografias. Assim, o que garante a legitimidade da Ceia remota não é o espaço, mas a disposição do coração, a fé em Cristo e a presença espiritual que transpassa a mediação técnica.

Outro ponto crítico refere-se à autoridade da consagração. Se, no culto presencial, os elementos são consagrados pelo ministro diante da comunidade, como essa consagração se aplica aos elementos distribuídos em múltiplos lares? Há aqui uma zona de tensão entre a tradição e a inovação: alguns líderes defendem que a consagração só tem validade quando feita presencialmente; outros reconhecem a eficácia espiritual da Palavra proferida em fé, mesmo quando transmitida à distância. O princípio teológico de que “a Palavra, quando unida à fé, é eficaz” é resgatado, ainda que implicitamente, por muitas

comunidades pentecostais que celebraram a Ceia online sem romper com sua teologia bíblica fundamental.

Entretanto, há limites que precisam ser respeitados. A banalização da ceia como a ideia de que “cada um pode fazer por si mesmo, quando quiser” é incompatível com a teologia pentecostal da reverência e da coletividade. A Ceia não é evento doméstico privado, mas ato público de confissão e unidade eclesial. Por isso, mesmo em formato remoto, deve ser sempre orientada pela autoridade espiritual reconhecida, em contexto litúrgico e com instruções claras. A mediação tecnológica não deve apagar a solenidade, nem desfigurar a profundidade sacramental da celebração.

Em síntese, a Ceia do Senhor, celebrada em tempos de conexão remota, revela tanto a flexibilidade pastoral do pentecostalismo quanto a necessidade de aprofundar uma eclesiologia conectada à realidade digital. A mesa do Senhor pode ser estendida, sim, até os lares e as telas, desde que o corpo de Cristo ali se reconheça como tal unido em fé, em contrição e em memória da cruz. A sacramentalidade, nesse contexto, não reside nos objetos nem nos aparelhos, mas no encontro entre Palavra, Espírito e comunidade, ainda que dispersa fisicamente.

No contexto da espiritualidade pentecostal, a unção com óleo, a imposição de mãos e a oração intercessora não são rituais meramente simbólicos ou ornamentais, mas atos espiritualmente eficazes, que fazem parte da gramática sacramental do movimento.<sup>95</sup> Esses gestos expressam a mediação do poder de Deus, a transferência de autoridade espiritual, a invocação da cura e a comunhão do corpo. Eles são profundamente bíblicos e comunitários, tendo origem na prática apostólica e sendo reiteradamente vividos como canais pelos quais o Espírito Santo atua no corpo, na mente e na alma dos crentes.

No entanto, com a expansão dos cultos digitais e da mediação tecnológica das práticas pastorais, surgem novas questões litúrgicas: é possível impor as mãos

---

<sup>95</sup> GRÜN, Anselm. *Unção dos enfermos*: consolo e afeto. São Paulo: Loyola, 2007, p. 8

a distância? Pode-se ungir alguém por meio da tela? A oração virtual carrega o mesmo peso espiritual que a oração presencial com contato físico? Tais indagações não são apenas operacionais, são profundamente teológicas, pois envolvem a compreensão da ação do Espírito, da corporeidade e da eficácia da mediação sacramental.

A imposição de mãos é, bíblicamente, um gesto de bênção, consagração e cura (cf. Mc 16.18; At 8.17; 1Tm 4.14).<sup>96</sup> No pentecostalismo, ela é carregada de expectativa espiritual e experiência sensível. Trata-se de um gesto litúrgico que comunica autoridade e transmite graça. A unção com óleo, por sua vez, é também prática recorrente, especialmente em contextos de cura e consagração ministerial (cf. Tg 5.14). A oração em voz alta, com clamor e imposição das mãos, é um dos atos mais distintivos da liturgia pentecostal, promovendo uma experiência tangível da intercessão. Ao transpor essas práticas para o ambiente digital, perde-se inevitavelmente o elemento tátil, o contato físico que historicamente acompanha tais ritos.

Contudo, a ausência do toque não anula, por si só, a possibilidade da ação divina. O pentecostalismo sempre reconheceu a soberania do Espírito em atuar além dos meios físicos, inclusive com curas a distância, orações respondidas por cartas ou testemunhos de libertação em programas de rádio e televisão. O poder de Deus não está preso ao gesto, mas à fé da Igreja reunida. Nesse sentido, a oração intercessora feita por uma live, uma videoconferência ou até uma gravação pode ser igualmente eficaz, desde que realizada com fé, sob a unção do Espírito e com reconhecimento comunitário.

Já a unção e a imposição de mãos, especificamente, encontram limitações práticas quando se tenta reproduzi-las em formato digital. Alguns líderes propõem

---

<sup>96</sup> GEORG, Sissi. *Diaconia e culto cristão: o resgate de uma unidade*. São Leopoldo: EST; Centro de Recursos Litúrgicos, 2006, p. 124.

que o fiel em casa unja a si mesmo, ou que alguém da família imponha as mãos sobre a pessoa necessitada, mediante orientação do ministro que conduz a transmissão. Trata-se, neste caso, de uma ressignificação doméstica dos gestos litúrgicos, que embora inovadora, ainda carece de maturação teológica mais ampla. A participação ativa da família e da comunidade local no processo de mediação sacramental pode ser uma alternativa válida, desde que não se desvincule da autoridade eclesial e da consciência de que esses atos não são mágicos, mas espiritualmente dirigidos.

Outra possibilidade tem sido a oração intercessora coletiva por meio das mídias, como vigílias online, correntes de oração em aplicativos e imposições simbólicas de mãos pela tela. Muitos pastores estendem as mãos em direção à câmera, e os fiéis respondem com o gesto correspondente, criando um ambiente de comunhão espiritual mediada. Apesar da ausência do toque real, há uma intencionalidade de fé e comunhão que mantém viva a expectativa da ação do Espírito. O gesto simbólico, neste caso, não é vazio: ele aponta para um vínculo espiritual real, sustentado pela oração e pelo compromisso eclesial.

Todavia, é preciso prudência para que essas práticas não se transformem em fetichização da técnica ou banalização do gesto sagrado. A espiritualidade pentecostal não pode ser reduzida a performance digital. Os atos de imposição de mãos e unção devem ser resguardados como momentos de solenidade, reverência e acompanhamento pastoral. Seu deslocamento para o ambiente virtual exige, portanto, formação teológica, pastoreio contínuo e pedagogia litúrgica, para que a Igreja compreenda que tais atos, mesmo quando adaptados, mantêm sua centralidade no encontro com o Espírito, e não em sua transmissão visual.

Entendemos que a unção, a imposição de mãos e a oração no ambiente digital expressam tanto os desafios quanto as possibilidades de uma liturgia carismática em tempos de mediação técnica. A ausência do corpo não significa ausência do Espírito; mas a presença do Espírito não dispensa o discernimento do

corpo. Por isso, a Igreja precisa desenvolver uma teologia da mediação que una tradição e inovação, fé e responsabilidade, liberdade espiritual e fidelidade eclesial. Pois, em todo lugar onde houver fé viva, clamor sincero e nome de Jesus exaltado, mesmo pela tela, ali o poder de Deus pode se manifestar.

### **3. CRITÉRIOS TEOLÓGICOS PARA UMA LITURGIA DIGITAL PENTECOSTAL**

#### **3.1. A centralidade da Palavra e do Espírito na adoração online**

A tradição pentecostal, embora não se organize em torno de uma teologia sacramental nos moldes clássicos das tradições católica e reformada, reconhece a existência de momentos e práticas litúrgicas nos quais a presença de Deus se manifesta de forma, eficaz e transformadora. Entre essas práticas, a pregação ocupa lugar de centralidade.<sup>97</sup> O púlpito pentecostal é, historicamente, lugar de revelação, de confrontação profética e de edificação comunitária. A Palavra proclamada e ungida pelo Espírito não é vista como mera exposição didática, mas como ato de mediação da presença de Deus. Ela cura, liberta, transforma, batiza no Espírito e renova a esperança. Por isso, no contexto digital, torna-se urgente recuperar e reafirmar a natureza sacramental da pregação, especialmente quando esta ocorre em ambientes mediados por tecnologia.

A pregação digital, por sua mediação técnica, corre o risco de ser compreendida como um conteúdo audiovisual entre tantos outros: um vídeo motivacional, uma live devocional, um discurso religioso entre memes e tutoriais. O desafio teológico consiste, portanto, em reafirmar que, mesmo em formato digital, a pregação continua sendo evento de encontro entre o Logos e o ouvinte, momento de comunicação viva do Espírito. Quando proclamada sob a unção, com

---

<sup>97</sup> CARSON, D. A. *Adoração por meio da palavra*. In: CARLSON, Raymond et al. Pastor pentecostal: teologia e práticas pastorais. Rio de Janeiro: CAPD, 2005, p. 55.

fidelidade bíblica e abertura à ação divina, a pregação online pode tornar-se espaço de epifania e lugar onde Cristo se revela e a fé é despertada.

A pregação, neste novo cenário, exige um reposicionamento do pregador e da audiência. O pregador pentecostal, agora diante de uma câmera, não fala a uma massa impessoal, mas a indivíduos sedentos, doentes, aflitos, dispersos, mas espiritualmente atentos. Sua missão não é entreter, mas entregar, não performar, mas ministrar. Ele deve compreender que seu púlpito digital é também um altar, e que cada palavra proferida pode ser uma semente de vida. A consagração do tempo de fala, a oração antes da gravação ou da transmissão, e o discernimento espiritual sobre o que deve ser dito são atitudes que transformam a live em culto e a tela em território da graça.

A audiência, por sua vez, também deve ser formada liturgicamente. A escuta da Palavra precisa ser preparada com reverência e intencionalidade. Muitos crentes relatam ter sido impactados profundamente por uma pregação que ouviram em um vídeo antigo, em um canal de pouco alcance, ou em meio à madrugada. Isso demonstra que a eficácia da Palavra não depende do momento da transmissão, mas da disponibilidade do coração e da soberania do Espírito, que age quando e como quer. Contudo, para que a pregação digital não seja tratada como “mais um conteúdo”, é necessário cultivar práticas devocionais que acompanhem o momento de escuta: desligar distrações, preparar o ambiente, orar antes de ouvir e responder espiritualmente à Palavra recebida.

Ao compreendermos a pregação como ato sacramental digital, assumimos que ela não apenas comunica informações, mas transmite presença. A Palavra proclamada, no poder do Espírito, torna-se sinal visível da graça invisível. Nesse sentido, pode-se falar, analogicamente, de uma “sacramentalidade da Palavra”: ela santifica o ouvinte, cura o corpo e o espírito, gera fé, convoca à conversão e fortalece a Igreja. Quando essa Palavra é veiculada digitalmente, não perde sua

força, desde que esteja enraizada na Escritura, inspirada pelo Espírito e acolhida pela fé.<sup>98</sup>

Entretanto, há riscos a serem enfrentados. A pregação online, ao ser inserida na lógica da economia da atenção, pode ceder ao sensacionalismo, ao esvaziamento teológico e à tentação da autopromoção. Pregadores passam a buscar likes em vez de frutos, alcance em vez de transformação, identidade estética em vez de autoridade espiritual. O púlpito torna-se palco, e a mensagem, produto. Contra isso, é necessário afirmar que o poder da pregação não reside na estética, mas na verdade ungida. O pregador pentecostal deve resistir às pressões do algoritmo e manter a fidelidade ao evangelho, mesmo que suas palavras não viralizem.

Concluimos, portanto, que a pregação online, quando compreendida e praticada como ato sacramental, mantém viva a centralidade da Palavra na espiritualidade pentecostal. A tela não anula a unção. O microfone não silencia o Espírito. A Palavra, quando anunciada com temor e fidelidade, continua sendo viva e eficaz (Hb 4.12) mesmo quando transmitida em rede. Que a liturgia digital pentecostal preserve essa convicção, e que cada pregação seja celebrada como o que de fato é: momento de manifestação da glória de Deus entre o seu povo, ainda que espalhado geograficamente, mas unido na escuta e na fé.

No seio da tradição pentecostal, o louvor congregacional ocupa um lugar central na vivência litúrgica, não apenas como introdução ao culto ou expressão estética da fé, mas como dimensão espiritual e teológica que catalisa a presença do Espírito Santo na assembleia reunida. O louvor pentecostal é mais que música: é encontro, clamor, entrega, batalha espiritual e epifania. Ele não se limita a ser parte da liturgia, ele constitui, frequentemente, a própria liturgia, estruturando o culto em sua fluidez e conduzindo a comunidade a um estado de sensibilidade espiritual capaz de acolher a Palavra e experimentar os dons.

---

<sup>98</sup> LEDNICKY, H., 2005, p. 595.

Quando transposto ao ambiente digital, o louvor pentecostal sofre alterações sensíveis. O espaço físico compartilhado, que favorece o contágio afetivo e a resposta corporal comunitária, cede lugar à dispersão geográfica dos participantes, à escuta por meio de dispositivos e à mediação técnica da experiência sonora. Ainda assim, longe de ser esvaziado, o louvor pode ser reinterpretado como canal de interatividade carismática, desde que compreendido em sua natureza espiritual e adequadamente conduzido como expressão viva da adoração.<sup>99</sup>

Essa interatividade carismática, ainda que diferente da interação física, manifesta-se através de múltiplos elementos: os comentários ao vivo que expressam glórias, aleluias e orações; os testemunhos que emergem no chat; os gestos realizados em casa (levantar as mãos, cantar junto, ajoelhar-se); e, sobretudo, a sensação partilhada da presença de Deus no louvor, mesmo que vivida em isolamento físico. O louvor digital torna-se, assim, um ato litúrgico compartilhado por outros meios, no qual a ação do Espírito continua presente, embora a mediação do corpo coletivo seja limitada.

A música pentecostal, com sua vocação afetiva, emocional e improvisacional, adapta-se de modo singular ao espaço digital. O uso de canções conhecidas, a repetição de refrãos, a espontaneidade no improviso vocal e instrumental, e a estética de adoração verticalizada contribuem para a criação de um ambiente propício à experiência espiritual. Em muitos cultos online, a atmosfera de adoração é mantida ou até intensificada, por meio de arranjos cuidadosamente preparados, cenários reverentes e condução sensível dos ministros de louvor. Mesmo à distância, muitos relatam lágrimas, línguas, visões e

---

<sup>99</sup> CAWSTON, David. *A chamada do altar e o compromisso congregacional*. In: CARLSON, Raymond et al. *Pastor pentecostal: teologia e práticas pastorais*. Rio de Janeiro: CAPD, 2005, p. 600.

quebrantamentos durante o louvor assistido em vídeo, o que demonstra que o Espírito transcende os limites da mediação técnica.

Ainda assim, é necessário reconhecer os riscos e limites dessa transposição. Quando o louvor digital é excessivamente editado, performático ou voltado à produção estética em detrimento da espiritualidade, corre-se o risco de esvaziar sua função litúrgica e espiritual. A estética da adoração não pode suplantar a sua profundidade. A interatividade carismática exige espontaneidade, autenticidade e abertura ao mover do Espírito, e isso não pode ser plenamente roteirizado nem capturado por métricas de engajamento. O louvor não é show: é culto. E sua força reside na entrega dos adoradores e na condução sensível daqueles que ministram diante do Senhor, mesmo pela tela.

Um dos maiores desafios é preservar a comunhão entre os adoradores. No ambiente presencial, a assembleia canta unida, formando um corpo sonoro coletivo. No digital, a voz da comunidade se dilui e, por isso, torna-se necessário fomentar uma espiritualidade da escuta e da resposta, na qual cada fiel, mesmo em casa, reconheça-se participante do culto, e não mero espectador. Incentivar que os crentes cantem juntos em casa, que expressem gestos de adoração, que mantenham uma postura reverente, são práticas pedagógicas que ajudam a manter viva a dimensão comunitária do louvor. A interatividade, nesse caso, não é apenas tecnológica, ela é espiritual.

Ao que nos parece, o louvor, na liturgia digital pentecostal, permanece como canal privilegiado de interatividade carismática, expressão da fé vivida e meio pelo qual a presença de Deus é evocada e celebrada. Ele une corações dispersos, desperta dons, gera quebrantamento e prepara o caminho para a Palavra. Ao preservar sua centralidade, espiritualidade e função litúrgica, mesmo no ambiente digital, o louvor pentecostal continuará sendo, como sempre foi, um dos lugares onde o céu toca a terra e a Igreja, mesmo à distância, canta como corpo unido em adoração ao Senhor dos exércitos.

### 3.2. A liturgia como testemunho profético nas redes sociais

No horizonte da tradição pentecostal, o culto cristão jamais se limitou a uma prática devocional privada ou confinada ao espaço eclesial. Ainda que profundamente marcado por uma dimensão vertical de adoração, arrependimento e busca pela presença do Espírito, o culto pentecostal sempre transbordou para além das paredes do templo, assumindo uma forma de testemunho público, de proclamação existencial do Reino e, sobretudo, de resistência espiritual às forças que estruturam o presente século.<sup>100</sup> No contexto das redes sociais e da cultura digital, esse caráter testemunhal da liturgia ganha novos contornos e possibilidades, exigindo reflexão teológica cuidadosa e reposicionamento pastoral estratégico.

A pesquisa de André Magalhães Coelho buscou investigar, por meio de entrevistas e observações nas redes sociais dos atores de uma instituição religiosa, de que forma os fiéis mantiveram a participação na vida da igreja através do uso da tecnologia para a preservação dos rituais e cultos. A análise das falas dos membros e das mídias digitais utilizadas pela igreja evidenciou que, mesmo em sua modalidade virtual, a religião continuou a desempenhar papel significativo como espaço de integração e sociabilidade em tempos pandêmicos.<sup>101</sup> O estudo identificou que os meios eletrônicos foram assumidos como uma extensão dos cultos presenciais, capazes de gerar pertencimento religioso e produzir orientações práticas e espirituais, sobretudo no contexto da Covid-19.

---

<sup>100</sup> BAPTISTA, Douglas. *O ethos pentecostal na esfera pública: valores cristãos, política e suas relações com o Estado Democrático de Direito à luz da Declaração de Fé Assembleiana*. Rio de Janeiro: CPAD. 2023, p. 64.

<sup>101</sup> COELHO, André Magalhães. A religião e a incidência dos meios eletrônicos na Comunidade Cristã Paz e Vida em tempos de Covid-19. *Revista NUPEM*, v. 16, n. 38, p. 1-19, 2024, p. 19.

Destacou-se, por exemplo, o grupo de WhatsApp da Paz e Vida de São Mateus como um canal de aconselhamento pastoral e difusão de discursos religiosos que legitimavam o isolamento social por meio da interpretação de textos bíblicos. Observou-se, ainda, que a postura da comunidade religiosa não era de antagonismo em relação à ciência, mas de complementaridade, utilizando a fé como instância de sentido diante da crise sanitária. Por fim, o estudo apontou que as opiniões dentro da comunidade não formavam um corpo homogêneo, mas que os espaços virtuais permitiram a promoção de símbolos religiosos e a ressignificação do discurso cristão em meio às tensões e transformações da pandemia. Tal constatação abre caminhos para futuras investigações sobre a relação entre religião e ciberespaço, reconhecendo que novos contextos demandarão novas abordagens teóricas e metodológicas no campo das ciências da religião.

Cultuar, nesse ambiente, torna-se um ato público por excelência. Diferentemente da reunião presencial, onde a assembleia é delimitada pelos corpos presentes, o culto online é imediatamente lançado à esfera pública digital. Ele pode ser acessado por desconhecidos, compartilhado entre diferentes redes, comentado por crentes e não crentes, e permanece disponível como testemunho permanente da fé da comunidade. Isso significa que o culto digital não é apenas uma “transmissão” da liturgia: é uma forma de exposição pública da fé, um altar visível no espaço simbólico das mídias, onde o louvor, a oração, a Palavra e os dons são oferecidos diante de uma audiência multifacetada.

Nesse sentido, cultuar nas redes sociais é, inevitavelmente, um ato teológico-político e cultural. Não porque o culto precise ser panfletário ou ideológico, mas porque ele afirma em meio à lógica do consumo, da superficialidade e da fragmentação uma realidade alternativa: o Reino de Deus está entre nós, e sua presença pode ser sentida até pela tela. Dizer “Jesus é Senhor” em uma plataforma governada por algoritmos de mercado é um ato de

resistência. Adorar com reverência e verdade em um espaço de performance e vaidade é um ato contracultural. Proclamar a Palavra em um ambiente de desinformação e ruído é um gesto profético.

Essa dimensão pública do culto impõe à Igreja a responsabilidade de discernir como se apresenta e o que comunica. A exposição do culto não deve ser confundida com autopromoção institucional ou exploração estética da espiritualidade. O culto é público não porque é transmitido, mas porque é ato de proclamação da soberania de Deus diante do mundo. Por isso, tudo o que é feito na liturgia, desde os cânticos escolhidos até o sermão pregado, passando pela linguagem corporal e pelos elementos visuais, precisa ser permeado por reverência, consciência e propósito teológico.

Cultuar como resistência espiritual significa, ainda, afirmar a centralidade do Espírito num mundo que dessacraliza o invisível. Significa reunir-se, mesmo digitalmente em nome de Jesus, e nesse nome invocar a presença real do Espírito Santo, clamando por cura, santidade, renovação e salvação. O culto é, nesse aspecto, um ato de guerra espiritual, uma convocação profética contra as potências que deformam a imagem de Deus nas pessoas e nas estruturas. E ao ser realizado nas redes, esse culto se torna também denúncia e anúncio: denúncia das idolatrias do nosso tempo e anúncio da esperança escatológica que move a Igreja.

Importa dizer que essa resistência espiritual não se dá apenas nos conteúdos do culto, mas também em sua forma litúrgica. Cultuar com simplicidade, com autenticidade, com liberdade espiritual, mesmo nas redes, é resistir ao formalismo engessado, ao espetáculo vazio e à estética da fé como mercadoria. O culto pentecostal, mesmo quando transmitido, não pode perder seu frescor profético, sua oralidade encarnada, sua abertura ao imprevisível do Espírito. Preservar essas características no ambiente digital é manter viva a chama da presença e, com isso, resistir às tentações da padronização algorítmica.

Cultuar nas redes não é apenas adaptar a liturgia à tecnologia: é reafirmar, com novos meios, a vocação pública e profética da Igreja. É ocupar territórios simbólicos com a Palavra, com o louvor e com a intercessão. É fazer da *timeline* um espaço de culto, da *live* um altar, do *feed* uma proclamação da glória de Deus. Em tempos de dispersão, cultuar é reunir. Em tempos de superficialidade, cultuar é aprofundar. Em tempos de idolatria digital, cultuar é resistir. E onde houver dois ou três conectados em nome de Jesus ali o Espírito se manifestará, e a resistência se tornará testemunho.

A missão da Igreja — proclamada desde Atos como testemunho do Cristo ressurreto “até os confins da terra” (At 1.8) — nunca esteve dissociada de formas comunicativas específicas. Cada tempo histórico demanda novas linguagens para anunciar o mesmo evangelho, sem, contudo, adulterar sua essência.<sup>102</sup> No contexto contemporâneo, marcado pela ubiquidade das mídias digitais e pela cultura da conectividade, a liturgia digital emerge como uma nova linguagem missional, na qual o culto, ao ser transmitido e compartilhado, torna-se veículo do anúncio, forma pública de discipulado e instrumento de evangelização.

No imaginário pentecostal, a missão é movida pelo Espírito e sustentada pela Palavra, mas realizada, historicamente, por meio da liturgia vivida: o louvor que atrai, a oração que cura, a pregação que confronta, os testemunhos que inflamam corações. Esses elementos, quando levados às redes sociais, não perdem sua vocação missionária; ao contrário, ganham capilaridade missional e poder de alcance, atingindo indivíduos em ambientes onde o templo físico jamais poderia penetrar. A *live* se torna praça pública; o *feed*, um boletim de milagres; a *timeline*, uma estrada de Damasco onde muitos têm se encontrado com o Senhor.

A liturgia digital, compreendida como linguagem da missão, exige da Igreja criatividade espiritual e discernimento teológico. Não basta replicar os

---

<sup>102</sup> HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *A razão na história*. São Paulo: Centauro, 2001, p. 61.

moldes tradicionais do culto na internet; é preciso reinterpretar os ritos e gestos, de modo que comuniquem sentido e graça aos que assistem. Um culto online é, simultaneamente, adoração para os de dentro e anúncio para os de fora. Sua forma deve acolher, ensinar, testemunhar e convidar. Um culto verdadeiramente missionário nas redes não é apenas belo ou bem-produzido, é profundamente habitado pela presença de Deus, e por isso mesmo, evangeliza por meio da experiência.

O potencial evangelístico da liturgia digital se manifesta de múltiplas formas. Muitos indivíduos não entram em templos, mas acessam vídeos de cultos por curiosidade ou angústia. Muitos afastados reencontram a fé por meio de transmissões que os alcançam na solidão do quarto ou na rotina do trabalho. Jovens desigrejados, famílias em crise, pessoas enfermas ou sem comunidade experimentam, mesmo à distância, o consolo do Espírito que se move por meio da Palavra e do louvor. A missão pentecostal, nesse novo cenário, torna-se mais do que cruzadas e cultos públicos: ela se insere nos ritmos cotidianos da vida digital, como presença encarnada da graça.

Por isso, é fundamental que pastores, músicos, pregadores e comunicadores compreendam que cada elemento da liturgia digital é ato missionário. O modo como se inicia um culto online, a forma como se dirige a audiência, a clareza com que se apresenta o plano de salvação, a sensibilidade com que se ora por quem assiste, tudo isso comunica evangelho ou silêncio. Cada gesto litúrgico, quando transmitido em rede, torna-se palavra dirigida ao mundo, e por isso deve ser pensado com responsabilidade missionária. A linguagem da missão, hoje, passa pelo cuidado com a linguagem litúrgica.

A missão, no entanto, não pode se restringir à transmissão. A liturgia digital deve provocar envolvimento, resposta, seguimento. Uma teologia missional da liturgia online precisa pensar em formas de acolhimento pós-culto: contato com novos convertidos, discipulado virtual, integração em comunidades

locais. O culto online é apenas o começo; a missão se concretiza quando a Palavra proclamada encontra continuidade em vidas transformadas. Assim, a liturgia digital não apenas anuncia: ela conduz a um processo de discipulado, que deve ser estruturado pastoral e comunitariamente.

Por fim, a liturgia digital, quando ungida e inteligentemente conduzida, não apenas celebra a fé dos que creem, mas comunica a graça aos que buscam. Ela é linguagem da missão porque testemunha, acolhe, anuncia e convoca. É, ao mesmo tempo, altar e praça, púlpito e ponte. E quando feita no poder do Espírito, torna-se instrumento eficaz de salvação, cura e transformação. Que a Igreja pentecostal, em seu zelo pela presença, não perca de vista a urgência da missão e que cada culto transmitido seja também enviado como carta viva do Reino aos confins digitais da terra.

## CONCLUSÃO

A liturgia pentecostal, em sua natureza profundamente comunitária, carismática e escatológica, tem demonstrado notável capacidade de adaptação diante das transformações culturais e tecnológicas que marcam o mundo contemporâneo. O advento das mídias digitais e a intensificação dos cultos online não apenas reconfiguraram o espaço e o tempo da celebração, mas também interpelaram a teologia litúrgica pentecostal, exigindo novas reflexões sobre sacramentalidade, presença do Espírito e corporeidade da adoração.

Longe de significar um enfraquecimento da espiritualidade, a transposição litúrgica para ambientes digitais pode representar uma ampliação da missão e do testemunho da Igreja, desde que alicerçada em critérios teológicos sólidos, discernimento espiritual e fidelidade à tradição viva do Pentecostes. Neste artigo, argumentou-se que elementos centrais da liturgia pentecostal como a pregação, o louvor, a oração, a imposição de mãos e a ceia do Senhor podem ser

reinterpretados como atos espiritualmente eficazes mesmo em contexto de mediação tecnológica, desde que conduzidos com reverência, clareza pastoral e abertura ao Espírito Santo.

A liturgia em rede revela tanto a potência quanto os limites de uma espiritualidade que sempre se afirmou como experiência de encontro com o Deus vivo. Ela mantém a centralidade da Palavra e do Espírito, mas desafia a Igreja a repensar sua corporeidade, sua comunhão e sua prática de discipulado em tempos de virtualização. O culto digital, se vivido apenas como espetáculo ou produto de consumo, corre o risco de se esvaziar de sua função formativa e transformadora. Contudo, quando compreendido como ato de adoração, de proclamação e de presença profética, ele se torna lugar de resistência espiritual, evangelização encarnada e expansão do Reino.

A teologia pentecostal, por seu caráter experiencial, missionário e aberto à ação do Espírito, possui recursos teóricos e práticos para elaborar uma liturgia digital contextualizada, sem ceder ao pragmatismo tecnocrático nem ao misticismo desarraigado da Escritura. Cabe agora à comunidade teológica pentecostal, especialmente no contexto latino-americano, formular critérios, formar lideranças e consolidar práticas que dignifiquem o culto online como território santo, onde o Espírito continua a falar, curar, salvar e enviar.

Que a Igreja digitalizada do século XXI não perca a chama que incendiou o cenáculo. Que cada culto transmitido seja também sopro profético. E que, em todas as telas e corações onde a liturgia pentecostal se fizer presente, Cristo seja exaltado, o Espírito derramado e a missão cumprida, até que Ele venha.

## REFERÊNCIAS

ADAM, Júlio César; REBLIN, Iuri Andréas; SALDANHA, Marcelo. Igreja em rede e liturgia online, é possível? *Estudos Teológicos*, v. 60, n. 2, p. 598-609, 2020.

ANDERSON, Gordon L. *Sinais e maravilhas*. In: CARLSON, Raymond et al. Pastor pentecostal: teologia e práticas pastorais. Rio de Janeiro: CAPD, 2005.

ARRUDA, Reinaldo Pereira; SILVA, Hilquias Benício. Igrejas online em fortaleza: uma resposta circunstancial na quarentena da pandemia da COVID-19. *Via Teológica*, v. 22, n. 43, 2021.

BAPTISTA, Douglas. *O ethos pentecostal na esfera pública: valores cristãos, política e suas relações com o Estado Democrático de Direito à luz da Declaração de Fé Assembleiana*. Rio de Janeiro: CPAD, 2023.

CAMPOS, Bernardo. *Hermenêutica do Espírito: uma proposta para hermenêutica pentecostal*. São Paulo: Recriar, 2018.

CAMPOS, Bernardo. *O princípio da pentecostalidade: hermenêutica, história e teologia*. São Paulo Recriar, 2018.

CARSON, D. A. *Adoração por meio da palavra*. In: CARLSON, Raymond et al. Pastor pentecostal: teologia e práticas pastorais. Rio de Janeiro: CAPD, 2005.

CAWSTON, David. *A chamada do altar e o compromisso congregacional*. In: CARLSON, Raymond et al. Pastor pentecostal: teologia e práticas pastorais. Rio de Janeiro: CAPD, 2005.

COELHO, André Magalhães. A religião e a incidência dos meios eletrônicos na Comunidade Cristã Paz e Vida em tempos de Covid-19. *Revista NUPEM*, v. 16, n. 38, p. 1-19, 2024.

COELHO, Renato Arnellas. Para uma correta compreensão do homem, composto de corpo, alma e espírito. *Revista Eletrônica Espaço Teológico.*, v. 10, n. 17, p. 84-93, 2016

FISK, Bruce N. *Paulo: a vida e as epístolas*. In: McKnight, Scot; OSBORNE, Grant R. *Faces do Novo Testamento: um exame das pesquisas mais recentes*. Rio de Janeiro: CPAD. 2018.

GEORG, Sissi. *Diaconia e culto cristão: o resgate de uma unidade*. São Leopoldo: EST; Centro de Recursos Litúrgicos, 2006.

GILBERTO, Antonio. *Pneumatologia: a doutrina do Espírito Santo*. In: Gilberto, Antonio et. al. *Teologia sistemática pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD. 2008.

GRÜN, Anselm. *Unção dos enfermos: consolo e afeto*. São Paulo: Loyola, 2007.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *A razão na história*. São Paulo: Centauro, 2001.

HUGHES, R. Kent. *Culto na igreja livre: o desafio da liberdade*. In: CARSON, D. A.; KELLER, Timothy. (Ed). *Louvor: análise teológica e prática*. São Paulo: Thomas Nelson Brasil. 2017.

JÚNIOR, Paulo Jonas dos Santos; FÓFANO, Clodoaldo Sanches. Culto pentecostal brasileiro: reflexiones sobre estructura litúrgica. *Tear Online*, v. 7, n. 1, p. 48-57, 2018.

KESSLER, Nemuel. *O culto e suas formas*. Rio de Janeiro: CPAD. 2017.

LEDNICKY, H. Maurice. *Antes de subir ao púlpito: a preparação do sermão*. In: CARLSON, Raymond et al. *Pastor pentecostal: teologia e práticas pastorais*. Rio de Janeiro: CAPD, 2005.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2010.

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia de Bolso. 2017.

MARIA, Ruben Ferreira. *Evangelização ou mercantilização da fé: cotejamento entre sagrado, fé, ética e igreja na modernidade a partir dos estudos sobre a*

evangelização através do uso da mídia. 2012. 87 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade EST, São Leopoldo, 2012.

OLIVEIRA, David M.; TERRA, Kenner R. C. *Experiência e hermenêutica pentecostal: reflexões e propostas para a construção de uma identidade teológica*. Rio de Janeiro: CPAD. 2018.

PAUL, Ferrin. *O lugar da música na adoração congregacional*. In: CARLSON, Raymond et al. *Pastor pentecostal: teologia e práticas pastorais*. Rio de Janeiro: CAPD, 2005.

PUNTEL, Joana Teresinha; SBARDELOTTO, Moisés. Da reforma histórica à “reforma digital”: desafios teológicos contemporâneos. *Estudos teológicos*, v. 57, n. 2, p. 350-364, 2017.

RIVERA, Paulo Barrera. Festa, corpo e culto no pentecostalismo: notas para uma antropologia do corpo no protestantismo latino-americano. *Numen*, v. 8, n. 2, p. 11-38, 2005.

SOARES, Esequias. *Heresias e modismos*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

SOARES, Esequias. *O pentecostalismo brasileiro: um guia histórico e teológico para compreender o pentecostes no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2021.

TESMER, Rodrigo Moulian. De la reflexividad social a las mediaciones rituales: mutaciones, convergencias y paradojas en el lepün y el culto pentecostal. *Revista Austral de Ciencias Sociales*, n. 8, p. 29-50, 2004.

WILSON, Bill. *O gabinete de estudos do pastor*. In: CARLSON, Raymond et al. *Pastor pentecostal: teologia e práticas pastorais*. Rio de Janeiro: CAPD, 2005.